

DIAGNÓSTICO DO NIILISMO E CRÍTICA DA MODERNIDADE EM NIETZSCHE

Harley Juliano Mantovani*

Resumo: Neste texto buscamos demonstrar que o diagnóstico do niilismo, feito por Nietzsche, demanda uma crítica da modernidade. Para ser coerente e efetiva, essa crítica teve que explicitar o niilismo oculto nas realizações da modernidade. Dessa forma, nós confirmamos a tendência ascética da ciência e a moralização intrínseca ao progresso. Nesses termos, concluímos que a ciência e o progresso, em alguma medida, servem ao niilismo, cuja atividade faz a humanidade trabalhar para o seu próprio desaparecimento.

Palavras-chave: Niilismo. Ascetismo. Modernidade. Ciência.

Abstract: In this text we seek to demonstrate that the diagnosis of nihilism, made by Nietzsche, demands a critique of modernity. To be coherent and effective, this critique had to make explicit the nihilism hidden in the achievements of modernity. In this way, we confirm the ascetic tendency of science and the moralization intrinsic to progress. In these terms, we conclude that science and progress, to some extent, serve nihilism, whose activity makes humanity work towards its own disappearance.

Key words: Nihilism. Asceticism. Modernity. Science.

Introdução

“A ‘humanidade’ não avança, ela nem mesmo existe” (Nietzsche)

Entendemos que essa epígrafe, que extraímos de *A vontade de poder* (2008, p. 67), apresenta em si, de modo incisivo e angustiante, o diagnóstico e as consequências da história do niilismo. Essa epígrafe é a expressão consciente, corajosa e reveladora da crítica nietzschiana à metafísica, à moral, à religião, ao progresso, enfim, à própria civilização entendida como aquilo que promete a melhora da humanidade e que propicia e assegura a sua existência. Então, se a humanidade não avança e nem mesmo existe, não passam de mentiras, venenos e doenças a metafísica, a moral, a religião, o progresso e a civilização. O que nós buscamos aqui foi refletir e explicitar o que essa epígrafe tem de mais desolador, contraintuitivo e desafiador. Ela afirma basicamente que 1) aquilo que foi avaliado como avanço não foi avanço, pois ele não trouxe melhora, elevação,

* Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás e Professor do CEFET-MG, *Campus Leopoldina*, Departamento de Formação Geral.

fortalecimento e saúde, e que 2) a humanidade não chegou ainda a ser real, permanecendo desajuizadamente separada de si mesma. Com essas características, essa noite profunda, fria e vazia representa um colossal obstáculo para o surgimento, os ensinamentos e a prática do super-homem, cuja tarefa fundamental, mais nobre e justificadora é apresentar o homem com a humanidade, é levar a humanidade para ela mesma, enfim, é realizar a existência da humanidade. Mas, agora, realizar-se só é possível à humanidade se ela se superar e deixar de ser si mesma. Por isso, Zaratustra diz: “*Eu vos ensino o super-homem. O homem é algo que deve ser superado. Que fizestes para superá-lo?*” (NIETZSCHE, 2011, p. 13). Buscando a força, a saúde e a grandeza, o super-homem é o homem que escolheu, de modo resolutivo e incansável, se encaminhar para si mesmo através das suas próprias criações que se traduzem em superações dos seus limites, das suas fraquezas e das suas doenças. Porém, o super-homem não surge e a humanidade não pode enfim se realizar sem a Terra. Nesses termos, levar a humanidade ao homem, até então iludido e desorientado por um avanço que não é avanço, consiste em lhe trazer de volta a Terra fazendo-o se recordar do vínculo e da convergência essenciais entre suas raízes e sua identidade. Encontramos essa valorização da Terra nas palavras do próprio Zaratustra.

Vede, eu vos ensino o super-homem! O super-homem é o sentido da terra. Que a vossa vontade diga: o super-homem *seja* o sentido da terra! Eu vos imploro, irmãos, *permaneçais fiéis à terra* e não acrediteis nos que vos falam de esperanças extraterrenas! São envenenadores, saibam eles ou não. São desprezadores da vida, moribundos que a si mesmos envenenaram, e dos quais a terra está cansada: que partam então! Uma vez a ofensa a Deus era a maior das ofensas, mas Deus morreu, e com isso morreram também os ofensores. Ofender a terra é agora o que há de mais terrível, e considerar mais altamente as entranhas do inescrutável do que o sentido da terra! (NIETZSCHE, 2011, p. 14).

O homem conseguirá superar a si mesmo e enfim se realizar se ele trocar suas esperanças extraterrenas pela fidelidade à Terra. O exercício dessa fidelidade põe o ser humano em contato e o mantém consciente da sua natureza selvagem, que é o extremo oposto da espiritualidade extraterrena que se encontra tanto na religião quanto no conhecimento das entranhas do inescrutável. Dessa forma, a realização do sentido do super-homem se dá por meio do combate de tudo o que desnatura o ser humano, que é precisamente o extraterreno que desvaloriza e envenena a vida e que desqualifica e apequena a Terra. Por isso, é importante deixar, de antemão, um alerta e uma admoestação: “É em sua natureza selvagem que o indivíduo se refaz melhor de sua desnatura, de sua espiritualidade...” (NIETZSCHE, 2006, p. 10). Temos aqui a doença e o tratamento da doença. Se a doença se manifesta como desnaturalização do ser humano, sua terapia e cura passam

necessariamente pelo enraizamento ou pelo viver segundo a Terra. E a natureza selvagem é, para o indivíduo, remédio e fonte de revigoramento porque ela o livra da sua espiritualidade adoecida pelo extraterreno e pelo inescrutável. Com efeito, eis como Nietzsche compreende e justifica essa potência terapêutica e curativa:

Há mil veredas que não foram percorridas; mil saúdes e ilhas recônditas da vida. Inesgotados e inexplorados estão ainda o homem e a terra humana. Velai e escutai, ó solitários! Do futuro chegam ventos com misteriosas batidas de asas; e boas-novas alcançam ouvidos delicados. Vós, solitários de hoje, vós, que viveis à parte, deveis um dia formar um povo: de vós, que escolhestes a vós mesmos, deverá nascer um povo eleito: – e dele o super-homem. Em verdade, um local de cura ainda se tornará a terra! E já a envolve um novo aroma, um aroma que traz saúde – e uma nova esperança! (NIETZSCHE, 2011, p. 75).

Portanto, é na própria Terra que encontramos a cura, a saúde e a esperança. Por essa razão, não devemos acreditar ou viver como se a cura para a nossa degenerescência só existisse fora da Terra, no mesmo extraterreno ascético que impulsionará também a ciência, a técnica, o progresso e o trabalho, impedindo, desse modo, o nascimento do super-homem. E é precisamente a ausência de condições para esse nascimento que nos permite constatar que a humanidade, alienada de si mesma, não avança e nem mesmo existe. Veremos que essa constatação exige uma crítica da modernidade, dos seus desdobramentos e dos seus produtos.

A manifestação moderna do niilismo

Entendemos também o niilismo como um processo racional e científico de afastamento e de desvalorização da Terra, que é precisamente aquilo que, para a vida elevada, forte e saudável, constitui um valor supremo sem o qual dissipam-se as possibilidades de haver uma nova manhã para a vida. Ao substituir a Terra pelo infinito, desqualificando-a como referência fundamental, o niilismo traz e prolonga uma noite fria e vazia pela qual vagamos desorientados. E reconhecemos que esse infinito apresentado como bússola é uma invenção dos modernos que ansiavam por dotar os homens de asas a fim de eles se libertarem da gaiola representada pela Terra. A modernidade dispôs aos homens o projeto racional e científico de se tornarem pássaros livres capazes de voar no infinito separado e astronomicamente superior à Terra. Todavia, entendemos que o niilismo não se configura como um meio honesto de realização confiável de uma liberdade corajosa e

verdadeira para o ser humano. É isto aproximadamente que encontramos no aforismo 124, de *A gaia ciência*, cujo título é “no horizonte do infinito”.

Deixamos a terra firme e embarcamos! Queimamos a ponte – mais ainda, cortamos todo laço com a terra que ficou para trás! Agora tenha cautela, pequeno barco! Junto a você está o oceano, é verdade que ele nem sempre ruga, e às vezes se estende como seda e ouro e devaneio de bondade. Mas virão momentos em que você perceberá que ele é infinito e que não há coisa mais terrível que a infinitude. Oh, pobre pássaro que se sentiu livre e agora se bate nas paredes dessa gaiola! Ai de você, se for acometido de saudade da terra, como se lá tivesse havido mais *liberdade* – e já não existe mais “terra”! (NIETZSCHE, 2012, p. 137).

O niilismo moderno pretende cortar todo laço da humanidade com a Terra. Nesses termos, o desaparecimento niilista da Terra é o acontecimento monstruoso que marca, de forma indelével, o espírito da modernidade.

Usando sua razão e sua ciência, o homem moderno trocou a terra firme por um pequeno barco, ou uma realidade natural e cosmológica por uma realidade técnica e artificial. Se a primeira é para todos, a segunda é só para alguns. Isto é, os caminhos que o niilismo traz são violentamente excludentes e, em última instância, eles conduzem ao nada, como é evidente. Ainda hoje, sente saudade da Terra essa humanidade que acreditou na ciência e na técnica modernas, que se desenraizou e se afastou da Terra, e adentrou na gaiola do infinito. Mas, para ela, que ainda vive aqui, “já não existe mais ‘terra’”. A humanidade atualmente preponderante, herdeira e portadora do rompimento moderno do laço com a Terra, e que, portanto, ainda vive aturdida, fraca e pobre na gaiola do infinito, é primeiramente a humanidade do progresso, do nivelamento, dos homens anoitecidos, dos últimos homens, enfim, do homem que precisa ser superado por aquele que, “nascido dos mistérios da alvorada”, tem o poder de trazer a manhã, a Terra e as raízes para aqueles que vivem na escuridão, na cidade e na gaiola. Para grande parte dos que vivem em cidades “já não existe mais ‘terra’” e, por isso, em relação a eles, a cidade pode ser compreendida como um deserto, no qual há, por exemplo, desenraizamento, desorientação, inospitalidade e hostilidade. Ora, essas são igualmente características do infinito niilista. Sendo assim, o infinito não apenas está presente na cidade, mas também ele é o que há nela de deserto. Pois bem. O infinito tanto quanto o deserto, enquanto provenientes do niilismo moderno, são realidades artificiais ou realidades produzidas através da simbiose da ciência e da técnica. Isto significa que o infinito e o deserto anoitecidos, que encontramos na cidade e que com ela às vezes se confundem, estão igualmente presentes nas realidades artificiais ou produzidas mediante a junção da ciência

e da técnica. É para essas realidades, e em relação a elas, que “já não existe mais ‘terra’”. É por essa razão que podemos dizer que existe uma humanidade que está na Terra, mas que vive sem a Terra, ou que vive no deserto ou na gaiola do infinito indissociáveis dos produtos niilistas que são portadores tanto do progresso quanto de perigos. Enfim, a humanidade para a qual “já não existe mais ‘terra’” é a humanidade ascética, idealizada e puramente formal, que busca aperfeiçoar a sua capacidade de fabricação para dela extrair a sua própria purificação. Neste sentido, onde não existe mais Terra existem apenas formas determinadas, objetivas, inquestionáveis e terrivelmente fantasmáticas. Essas formas fazem desaparecer a Terra e são, portanto, intrinsecamente niilistas. Entre elas, o “planeta”, enquanto realização do niilismo moderno, é a forma mais devastadora, uma vez que ele toma o lugar da Terra e consolida o apequenamento astronômico dela. Depois da fabricação científica e técnica do planeta “já não existe mais ‘terra’”, porém, algo desaparece junto com ela, aprofundando e intensificando a noite, o frio e o vazio. E quem viu esse acontecimento funesto e tremendo foi um *homem louco*. É no aforismo 125, de *A gaia ciência*, que Nietzsche nos apresenta essa figura oposta tanto ao homem de ciência quanto ao último homem.

“Não ouviram falar daquele homem louco que em plena manhã acendeu uma lanterna e correu ao mercado, e pôs-se a gritar incessantemente: “Procuro Deus! Procuro Deus!”? – E como lá se encontrassem muitos daqueles que não criam em Deus, ele despertou com isso uma grande gargalhada” (NIETZSCHE, 2012, p. 137). Nietzsche se refere a uma época na qual é preciso estar louco para ainda procurar Deus, tamanho o ateísmo que se abateu sobre os homens. É um homem louco que percebe o sentido e o perigo desse ateísmo niilista que desfaz a manhã. Quando se instaura o niilismo, a manhã não é mais manhã, a luz não é mais luz, a consciência não é mais lúcida, a visão é cegueira, a realidade é uma ficção e a verdade é um engano. Por isso é preciso acender lanternas de manhã, como o faz um louco que, imerso em sua extravagância e excentricidade, resiste e luta contra o niilismo dos ateus, que zombam e ridicularizam quem ainda na modernidade procura Deus. “Então ele está perdido? perguntou um deles. Ele se perdeu como uma criança? disse um outro. Está se escondendo? Ele tem medo de nós? Embarcou num navio? Emigrou? – gritavam e riam uns para os outros” (NIETZSCHE, 2012, p. 137). Essa atitude dos ateus mostra que eles, justamente por não terem a devida consciência acerca do niilismo, não estavam preparados para enfrentarem as

consequências mais catastróficas desse anoitecimento moderno. Diante dessa cegueira, o homem louco se lança para o meio deles, trespassa-os com seu olhar, e lhes revela:

“Para onde foi Deus?”, gritou ele, “já lhes direi! *Nós o matamos* – vocês e eu. Somos todos seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos beber inteiramente o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? Que fizemos nós, ao desatar a terra do seu sol? Para onde se move ela agora? Para onde nos movemos nós? Para longe de todos os sóis? Não caímos continuamente? (...). Não vagamos como que através de um nada infinito? Não sentimos na pele o sopro do vácuo? Não se tornou ele mais frio? Não anoitece eternamente? Não temos que acender lanternas de manhã? Não ouvimos o barulho dos coveiros a enterrar Deus? Não sentimos o cheiro da putrefação divina? – também os deuses apodrecem! Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos! Como nos consolar, a nós, assassinos entre os assassinos? O mais forte e mais sagrado que o mundo até então possuía sangrou inteiro sob os nossos punhais – quem nos limpará este sangue? Com que água poderíamos nos lavar? (...). Nunca houve um ato maior – e quem vier depois de nós pertencerá, por causa desse ato, a uma história mais elevada que toda a história até então!” (NIETZSCHE, 2012, p. 137-8).

Depois desse ato grandioso, que foi o assassinato de Deus, os ateus se satisfazem em frequentar o mercado, enquanto o homem louco entende que agora temos um dever que irá nos tornar dignos: “Não deveríamos nós mesmos nos tornar deuses” para ao menos nos parecermos dignos desse ato? Isto é, depois da morte de Deus, enquanto os ateus, inconscientes da sua fraqueza, se abandonam a um entretenimento vazio, apenas um homem louco ainda acredita na possibilidade e na necessidade de o homem buscar o seu engrandecimento, a sua elevação e o seu fortalecimento. Dito de outro modo, a loucura é igualmente a consciência de que, não é porque Deus está morto, que o destino do homem é a decadência ou que agora ele está completamente livre para se rebaixar e se refestelar em todo tipo de indignidade. A loucura se desdobra no heroísmo exigido pela luta contra a noite fria e vazia do niilismo.

Mas como conseguimos assassinar Deus? Como nos tornamos os seus coveiros? Podemos dizer que a grande cova de Deus é o planeta. Com efeito, localizado nos momentos iniciais da modernidade, a série de perguntas do homem louco revela pelo que Deus foi morto. Sem ser a causa única da sua morte, Deus foi morto pela passagem do geocentrismo para o heliocentrismo, ou seja, ele foi morto pelo copernicanismo que fez a Terra desaparecer transformando-a, violentamente, num planeta.

O copernicanismo, que não ficou restrito a Nicolau Copérnico, desatou a Terra do seu sol. E agora, numa noite que parece eterna, a Terra apenas cai, vagando por um nada infinito frio e vazio. Esta é a realidade que o planeta oculta. Ele nos desenraiza, nos afasta da

Terra e nos entretém, fazendo-nos esquecer a nossa decadência para que não nos conduzamos pela loucura de acender lanternas de manhã à procura de Deus. Como ele foi uma fabricação antinatural, o planeta impulsiona a fabricação e, portanto, ele está presente na atividade e nos produtos do progresso. Agora, se nas realizações do progresso encontramos a presença e a atuação do planeta, e se o planeta é a grande cova de Deus, então, as realizações do progresso têm o cheiro da putrefação divina. É oportuno lembrar que, assim como o planeta, o progresso e seus produtos são marcados e orientados por um grande impulso ascético, cuja concretização é indissociável de uma corrosiva nadificação. Nessas condições podemos dizer que é uma humanidade melhorada e purificada, eleita e mais humana, que vive no planeta. Isto significa que o copernicanismo pode ser igualmente compreendido como um processo de purificação da humanidade, que é deslocada, e passa a ser localizada, não mais na Terra, inferior e impura, e sim no planeta. Com isso, considerado em sua atividade ascética, o planeta parece se tornar uma Grande Igreja, que tem como sacerdotes os cientistas, sobretudo os físicos e os matemáticos. Diante dessa transformação simbólica da igreja numa realidade astronômica, as últimas palavras do homem louco são esclarecedoras. Precisamos, portanto, ouvi-las, justamente quando ele vai ao encontro de outros adversários. “Conta-se também que no mesmo dia o homem louco irrompeu em várias igrejas, e em cada uma entoou o seu *Requiem aeternam deo*. Levado para fora e interrogado, limitava-se a responder: ‘O que são ainda essas igrejas, se não os mausoléus e túmulos de Deus?’” (NIETZSCHE, 2012, p. 138).

Os frequentadores de igrejas não têm ainda consciência de que são apenas os consumidores do cadáver de Deus. Isto é, eles ainda não sabem que o Deus diante do qual eles se ajoelham e para o qual rezam está morto. Os próprios religiosos não conseguem reconhecer que sua fé é, na verdade, a expressão de uma religiosidade de coveiro. Enfim, eles não veem que o seu deus não passa de um ídolo que, apesar de morto e justamente por isso, tem o poder de nos desenraizar como qualquer objeto ou produto fetichizados. E, pelo menos quanto aos ídolos, é preciso usar fogo ou martelo. Mas boa parte desses ídolos são fabricados pelo progresso. Nietzsche identificou uma associação entre progresso e moralidade como constitutiva do ascetismo moderno. Isto é, para o filósofo, o progresso é igualmente uma forma de moralização. De acordo com Nietzsche, o progresso se beneficia de uma “moral do medo” e, com isso, é natural e inevitável que

dele resulte uma “moral de rebanho”. Fazendo o diagnóstico da decadência, eis como Nietzsche explicita o elo entre modernidade, moralidade e progresso.

Quem examine a consciência do moderno europeu, de mil curvas e esconderijos morais, tirará sempre o mesmo imperativo, o imperativo do medo do rebanho: queremos que algum dia *não haja nada que temer*. O caminho para chegar a este “algum dia” chama-se hoje, em toda a Europa, “progresso” (NIETZSCHE, 2014, p. 112).

Admitindo sua tendência à purificação, o progresso então representa segurança, proteção, estabilidade e, portanto, tranquilidade, familiaridade, conforto e felicidade. E isso deve acontecer dentro da cidade, que é vista como ou deve ser transformada em um “outro mundo” radicalmente oposto à natureza ou à Terra reduzida à condição de um mundo bárbaro, assustador, desconhecido, hostil, inferior e impuro. Existindo para formar e para manter rebanho, o progresso livra os homens do que eles temem manifestando-se como poder de controle. Sendo assim, quanto maior o poder de controle alcançado maiores são a elevação moral e o desenvolvimento civilizacional. Não existem moralidade e civilização sem a busca e o exercício do poder de controle, o qual é um impulso ascético que caracteriza o progresso. É devido a esse ascetismo que o poder de controle não pode ser identificado com a vontade de potência. Diante dessa impossibilidade, afirmamos que o progresso é antes uma ameaça à vida, porque a vida é vontade de potência e, para esta, o ascetismo é uma forma de veneno, de adoecimento, de enfraquecimento, que viceja naqueles homens anoitecidos, últimos e decadentes que encontram a felicidade no rebanho que a cidade protege. Ascética e niilista, a cidade procura atrofiar, proibir, punir e degredar a vontade de potência.

Ascetismo e ciência: moralização e progresso

De certa forma, foi possível ver, anteriormente, que a ciência moderna é caracterizada por um impulso ascético, e se a ascese se refere igualmente às dimensões moral e religiosa, então a ciência moderna é marcada, no mínimo, por uma moralidade intrínseca e, por essa razão, o cientista é também um operário do niilismo. Tal como um sacerdote, o cientista quer melhorar, curar e purificar o ser humano. Para que esse propósito continuasse sendo possível era extremamente necessário realizar a passagem do geocentrismo para o heliocentrismo, da Terra para o planeta. Porém, é consideravelmente estranho que, para nos purificarmos de acordo com esse ascetismo niilista, tenhamos que vagar, longe de todos os sóis, por um nada infinito. Este resultado é indissociável da melhora e purificação

ascéticas trazidas pela ciência moderna. Devemos, portanto, analisar como se relacionam ciência e ascetismo, de acordo com o diagnóstico de Nietzsche.

[...] a nossa ciência moderna, que não tem fé senão em si mesma e que teve o valor de prescindir de Deus, do além e das virtudes negadoras. Entretanto, todo este ruído de agitadores não me impressiona (...), porque hoje a ciência é um abismo, a palavra ciência na boca desses trombetadores é uma pouca vergonha. Ponde ao contrário o que eles dizem, e tereis a verdade; a ciência hoje não tem nenhuma fé em si mesma, nem aspira a um ideal; e onde ainda resta alguma coisa de paixão, de amor, de fervor, de dor, não é uma antítese do ideal ascético, mas, ao contrário, a sua forma *novíssima* e *mais nobre* (NIETZSCHE, 2013, p. 139).

Em certa medida, não é inteiramente indevido considerar a ciência como uma espécie de disfarce do niilismo. Conforme diz Nietzsche, porque ela está amarrada à verdade, a ciência é o sofisma mais sedutor, mais delicado e sutil do ideal ascético que, portanto, tem os cientistas como os seus servidores, perpetradores e representantes mais insuspeitos. Quanto aos cientistas, eis como Nietzsche pinta o seu retrato:

Estes negadores, estes solitários, espíritos intransigentes que pretendem a pureza intelectual, espíritos duros, severos, abstinente, heroicos, honra do nosso tempo, estes pálidos ateus, anticristos, imoralistas, niilistas, incrédulos, estes *raquíticos de espírito*, que hoje incarnam a consciência intelectual, estes pensadores livres, demasiado livres, creem-se apartados do ideal ascético; e, contudo, eu vou apontar-lhes uma coisa que eles não podem ver, porque não estão a necessária distância. Este ideal é justamente o ideal deles (2013, p. 141).

A forma ascética com a qual se busca uma pureza intelectual se converte em raquitismo espiritual, e este é também uma forma de cegueira, que é perigosa e preocupante, pois aquele que é acometido pelo raquitismo ascético do espírito não consegue ver que ele mesmo é um servidor disciplinado e obediente ao ideal ascético que o adoce e escraviza. Trabalhando para a realização do ideal ascético, esse espírito raquítico e cego dificilmente se dará conta das consequências potencialmente catastróficas da sua atividade científica. Nesses termos, se investigarmos, de forma honesta e paciente, a causa de certas catástrofes, sobretudo aquelas, em algum aspecto, antinaturais, iremos encontrar, alguns perplexos e horrorizados e outros indiferentes, algum ideal ascético. Isso é o sinal da barbárie intrínseca ao ascetismo científico, da hipocrisia da moralidade da purificação e, enfim, da possibilidade da decadência que o ideal ascético carrega consigo. Todos esses

fenômenos nos permitem considerar e avaliar a proximidade entre o niilismo e o progresso.

Mas, para Nietzsche, o que coloca a ciência e o ideal ascético no mesmo terreno é, sobretudo, a valorização absoluta da verdade, então compreendida como um valor em si ou como um valor metafísico. A vontade científica de verdade é uma vontade ascética e, exatamente por isso, persiste algo de metafísico dentro da ciência moderna. Tanto ela quanto o ideal ascético compartilham da mesma “fé da invariabilidade e da incriticabilidade da verdade”. E, ao se tornar o melhor auxiliar do ideal ascético, a ciência nos impede de vê-lo e de compreendê-lo satisfatoriamente e, com isso, perdemos a abrangência e o perigo do seu niilismo que, no entanto, Nietzsche insiste em desmascarar e combater.

Não pode negar-se a natureza desta direção ascética; este ódio a tudo quanto era humano, quanto era animal, a tudo quanto era material, este horror aos sentidos, à razão, à felicidade, à saúde, à beleza, à força, à mudança, ao movimento, à morte, à vontade, ao esforço, ao desejo: tudo isto significa uma *vontade para o nada*, uma hostilidade à vida, uma negação das condições fundamentais da existência; mas era ao menos *uma vontade!*... (NIETZSCHE, 2013, p. 150).

Portanto, a direção ascética se manifesta, afinal, como uma *vontade para o nada* que representa uma grande hostilidade à vida não apenas humana, mas também à vida animal e às demais formas de existência. O ascetismo é uma vontade de nada, de infinito, de vazio. Isto é o que deve acontecer e reinar para que a purificação seja alcançada.

O niilismo como vontade de poder, o perigo do trabalho e um exemplo de insubmissão

A vontade de nada da direção ascética se dissimula como vontade de verdade. Mas esta pode ser ocultamente uma “vontade de morte”, conforme pondera Nietzsche, para quem o cientista, o homem do impulso ascético à verdade, “*afirma um outro mundo* que não o da vida, da natureza e da história” (NIETZSCHE, 2012, p. 210). É precisamente nesses termos que, mantendo ainda uma crença metafísica, Nicolau Copérnico “foi o maior e mais vitorioso adversário da aparência” (NIETZSCHE, 2014, p. 22), persuadindo-nos, “contra toda a evidência dos sentidos, que a terra não é imóvel”. Ao ter rejeitado a aparência e os sentidos, Copérnico nos desenraizou e nos deslocou para esse “outro mundo”, o mundo da verdade e da pureza, essencialmente metafísico, que nele está

designado como planeta. Com isso, constatando a tendência moralizante intrínseca à ciência moderna, observamos em Copérnico a confluência e a interação entre os aspectos ascético, metafísico e teológico da atividade científica, então inelutavelmente niilista. Todavia, o alerta de Nietzsche também nos alcança.

[...] também nós, que hoje buscamos o conhecimento, nós, ateus e antimetafísicos, ainda tiramos nossa flama daquele fogo que uma fé milenar acendeu, aquela crença cristã, que era também de Platão, de que Deus é a verdade, de que a verdade é divina... Mas como, se precisamente isto se torna cada vez menos digno de crédito, se nada mais se revela divino (...) – se o próprio Deus se revela como a nossa mais longa mentira? (NIETZSCHE, 2012, p. 210).

O Deus do ideal ascético, nesses termos essencialmente filosófico, foi predicado com a verdade. Essa racionalização enfraqueceu e esterilizou Deus de tal forma que esse Deus do ascetismo não é o Deus vivo, mas apenas uma mentira ou um ídolo metafísico. “A partir de então se transfigurou numa coisa cada vez mais tênue e pálida, ele se tornou ‘ideal’, ‘espírito puro’, ‘absoluto’, ‘coisa em si’... *Declínio de um Deus*: Deus se tornou ‘coisa em si’” (NIETZSCHE, 2019, p. 33). Podemos ver que a razão, ao ceder aos seus impulsos ascéticos, orienta-se para a verdade desde que a verdade traga consigo uma grande nadificação. E essa desdivinização de Deus, Nietzsche encontra no próprio cristianismo.

A noção cristã de Deus – Deus como deus dos doentes, Deus como aranha, Deus como espírito – é uma das noções mais corruptas que jamais apareceram no mundo: representa talvez até mesmo, na evolução descendente dos tipos de Deus, o nível mais baixo. Deus degenerado como *antítese da vida*, em vez de ser sua transfiguração e seu *sim* eterno! Em Deus, a hostilidade declarada à vida, à natureza, ao querer viver! Deus, fórmula de toda calúnia do “aquém”, de toda mentira do “além”! Em Deus, o nada divinizado, a vontade do nada santificada! (NIETZSCHE, 2019, p. 34).

O impulso do ser humano para o nada é tão forte que ele nadifica Deus e diviniza o nada. O homem rejeita e foge do *sim à vida*, que exige mais força, nobreza e amor para assumir, com coragem e alegria, as responsabilidades e para honrar os compromissos. O homem sente que é mais fácil para ele continuar existindo se ele acreditar que está caminhando rumo a um santo Não. Por isso, Nietzsche afirma:

A palavra “cristianismo” já é um mal-entendido – no fundo existiu um só cristão e ele morreu na cruz. O “Evangelho” *morreu na cruz*. O que, desde então, se chama “Evangelho” era já a antítese do que ele viveu (...). Somente a

prática cristã, uma vida como a viveu aquele que morreu na cruz, é cristã (2019, p. 68).

De acordo com Nietzsche, o cristianismo se tornou a antítese de Jesus de Nazaré, que representou um sim à vida, leve, inocente, pacífico e bem-aventurado, porque ele, verdadeiramente, viveu e praticou o evangelho. Já o cristianismo, desde a morte na cruz, cultua um grande Não, ao qual serve o sacerdote, que dele recebe o seu poder de formar e de manter rebanho. A existência do sacerdote que, neste caso, é parente espiritual do filósofo metafísico, se justifica pela crença – ou mentira – de que apenas o Não melhora as pessoas. No entanto, como aponta Nietzsche, há alguma hipocrisia nessa figura institucional, pois em sua santificação do nada reside, de modo oculto e insidioso, uma vontade de poder. Assim como o filósofo o extrai do conceito, o sacerdote sabe extrair do nada um poder de dominação. Isto significa que o niilismo é um tipo de dominação ou um exercício do poder. Acerca da convergência entre niilismo e poder no sacerdote, eis o que Nietzsche declara:

[...] nós encontramos uma espécie de homem, a espécie *sacerdotal*, que se toma a si mesma como norma, como cume, como a mais alta expressão do tipo homem: ela toma de si mesma o conceito de “melhoramento” – ela crê em sua superioridade, ela também a *quer* realmente: a causa da mentira sagrada é a *vontade de poder (Wille zur Macht)*. O erguer-se da dominação: para esse fim, a dominação de conceitos que estabelecem, no sacerdócio, um *non plus ultra* de poder – o poder por meio da mentira (...), a mentira como suplemento do poder, – um novo conceito de “verdade”. Erra-se quando se pressupõe aqui um desenvolvimento *ingênuo e inconsciente*, uma espécie de autoengano... Os fanáticos não são os inventores de semelhantes sistemas excogitados de opressão... Aqui trabalhou a gélida circunspeção, a mesma espécie de circunspeção que Platão possuía quando imaginava o seu “Estado” (2008, p. 101).

É preciso combater e anular esse poder possibilitado pelo niilismo que se encontra por trás das ideias de melhoramento, de verdade, de Estado. Para enfrentarmos esse poder niilista que se alcança e se exerce por meio da mentira, é pertinente considerarmos a figura de Jesus de Nazaré, cuja prática evangélica de amor à vida é absolutamente contrária ao niilismo institucionalizado na igreja. Explorando essa oposição, Nietzsche afirma que, “justamente aquilo que a igreja considera cristão é, desde o princípio, o *anticristão*” (2008, p. 106). Sendo assim, o anticristo é a própria igreja cristã, ou o cristianismo por ela adulterado e desdivinizado. Em alguma medida e até certo momento, o tipo Jesus é o que Nietzsche tem e usa contra a igreja e, desse modo, ao voltar Jesus contra o próprio

cristianismo, indiretamente ele está admitindo que o Nazareno é aquele que, de modo mais eficaz e libertador, pode matar Deus, mas aquele Deus que é um nada divinizado.

Conforme Nietzsche, a prática evangélica de Jesus traz para a interioridade humana, mais especificamente para o nosso coração, o “reino do céu”, que é, portanto, um estado do coração, uma inocência, pacifismo e bem-aventurança, e não algo “sobre a Terra”, desenraizado e formalmente distante. Jesus foi o único cristão porque ele foi o único que viveu exemplarmente a boa-nova evangélica. Viver assim é já estar no “reino do céu”, isto é, em sua interioridade mais profunda e beatífica.

A vida exemplar consiste no amor e na humildade; na plenitude do coração, a qual não exclui mesmo os mais baixos; na renúncia expressa ao querer-ter-razão, à defesa, à vitória no sentido do triunfo pessoal; na fé na bem-aventurança aqui, sobre a Terra, apesar da penúria (*Not*), da adversidade e da morte; no caráter conciliatório, na ausência de ira e de desdém; no não querer ser recompensado; no não ser vinculado a ninguém; na mais espiritual ausência de tutela espiritual; em uma vida tremendamente orgulhosa sob o querer da vida pobre e servidora (NIETZSCHE, 2008, p. 109-110).

Através da vivência dessa vida exemplar, específica do evangelho da boa-nova, ocorre a abolição do Estado com suas instituições políticas e religiosas, com seus tribunais, classes sociais, serviço militar e, além disso, tem fim a distinção entre nacionais e estrangeiros. Ocorre também, com a imitação de Jesus, a abolição da sociedade, favorecendo, recuperando e valorizando tudo o que ela rejeitou: os de má fama e os condenados, os leprosos, os pecadores, os cobradores de impostos, os prostituídos, o povo mais ignorante, e, em contrapartida, a prática evangélica da vida exemplar leva à desconfiança e à rejeição dos ricos, dos eruditos, dos nobres, dos virtuosos, dos “corretos”. Nesses termos, a vivência beatífica dessa vida exemplar representa um questionamento radical dos valores sobre os quais se erguem o Estado e a sociedade, uma vez que essa vida segundo o “reino do céu” enraizada no coração, é capaz de revelar e de denunciar a hipocrisia e a crueldade dos valores morais, religiosos e políticos que costuram o tecido social. O poder de rasgar esse tecido foi uma graça que o Nazareno trouxe e disponibilizou a cada um de nós.

O evangelho: a notícia de que um acesso à felicidade está aberto aos pobres e inferiores, – que só é preciso desprender-se da instituição, da tradição e da tutela das classes superiores: nessa medida, a ascensão do cristianismo é a ascensão de uma *doutrina tipicamente socialista*. Propriedade, aquisição, pátria, posição e patente, tribunais, polícia, Estado, Igreja, instrução, arte, índole militar: tudo isso não são senão obstáculos à felicidade, erros,

enredamentos, obras do diabo, às quais o evangelho anuncia o julgamento... tudo típico de uma doutrina socialista (NIETZSCHE, 2008, p. 129).

É admirável ver que a prática beatífica do evangelho favoreceria a supressão da dominação de classe e, nessa medida, invertendo os valores e combatendo a autoridade, o conservadorismo e a crueldade que estruturam e dinamizam as instituições e a tradição, o evangelho traz à tona, sem que seja esta a sua intenção primeira, a sua indireta, mas indiscutível potencialidade política para a transformação e a renovação da sociedade. É claro que essa reflexão retoma a oposição entre o evangelho e o cristianismo. Nietzsche usa o evangelho do coração beatífico para transvalorar os valores do cristianismo institucionalizado. Mediante essa transvaloração evangélica do cristianismo, Nietzsche pode dizer o seguinte:

Deus criou o homem feliz, ocioso, inocente e imortal: nossa vida real é uma existência falsa, decadente e pecaminosa, uma existência de castigo... O sofrimento, a guerra, o trabalho, a morte são avaliados como objeções e pontos de interrogação contra a vida, como algo não natural, algo que não deve perdurar; contra isso se tem necessidade de remédios – e se *obtem!*... A humanidade viveu, de Adão até hoje, em uma condição anormal: Deus mesmo ofertou seu filho pelo pecado de Adão, para pôr um fim nessa condição anormal: o caráter natural da vida é uma *maldição*; Cristo restitui àquele que nele acredita a condição normal: torna-o feliz, ocioso, inocente (NIETZSCHE, 2008, p. 135).

O que escolhemos destacar nessas palavras é que, do lado da vida real e verdadeira, além da inocência e da felicidade, encontramos também, num misto de perplexidade e de entusiasmo, a ociosidade. Todas elas restituídas ao homem pelo próprio Cristo, que veio dissolver as consequências funestas do pecado de Adão, entre as quais, além do sofrimento, da guerra e da morte, destacamos o trabalho. Dessa forma, trazemos agora ao primeiro plano da nossa reflexão a oposição muito elucidativa entre o trabalho e o ócio. Por isso também a prática beatífica do evangelho segundo a imitação de Cristo abole o Estado e a sociedade, justamente porque, para esse modo de vida exemplar, a ociosidade é um valor fundamental. Ao passo que o trabalho, sobretudo desde a modernidade, sendo marcado por uma ânsia de prosperidade, é um valor social acentuadamente ascético, cultivado por aqueles que acreditam poderem se salvar com suas próprias mãos. Para estes que a ele se entregam de modo passivo, obediente e disciplinado, o trabalho é uma espécie de bênção e de redenção, e o seu oposto, a ociosidade ou a preguiça, é uma característica dos desqualificados, dos perdidos, dos imorais, dos vagabundos. Mas, considerando a correspondência entre ociosidade e tédio, como pensar sua relação com o trabalho? É Nietzsche quem nos auxilia quanto a essa questão. E de imediato ele

estabelece uma distinção entre os homens civilizados, operários vulgares e viciados do progresso e do niilismo, e os homens raros, que buscam o prazer, a aventura, a liberdade.

Buscar trabalho pelo salário – nisso quase todos os homens dos países civilizados são iguais; para eles o trabalho é um meio, não um fim em si; e por isso são pouco refinados na escolha do trabalho, desde que proporcione uma boa renda. Mas existem seres raros, que preferem morrer a trabalhar sem ter *prazer* no trabalho: são aqueles seletivos, difíceis de satisfazer, aos quais não serve uma boa renda, se o trabalho mesmo não for a maior de todas as rendas. A esta rara espécie de homens pertencem os artistas e contemplativos de todo gênero, mas também os ociosos que passam a vida a caçar, em viagens, em atividades amorosas e aventuras. Todos estes querem o trabalho e a necessidade, enquanto estejam associados ao prazer, e até o mais duro e difícil trabalho, se tiver de ser. De outro modo são de uma resoluta indolência, ainda que ela traga miséria, desonra, perigo para a saúde e a vida (NIETZSCHE, 2012, 81-2)¹.

Como se nota, para Nietzsche os raros trocam o vínculo material entre trabalho e salário, ao qual a maior parte da sociedade se submete de forma automática e irresponsável, pelo vínculo extravagante e perigoso entre trabalho e prazer. Por esse motivo, e à medida que eles não temem as consequências da sua escolha resoluta pela indolência, esses seres raros mostram a possibilidade de uma vida diferente da vida do rebanho e, por isso, eles representam uma ameaça ao trabalho assalariado, que é um valor absoluto ou um ídolo sagrado da nossa sociedade, sem o qual ela não sabe viver e é abolida, mas que, no entanto, serve para mantê-la anoitecida, fraca, doente, decadente. Esse meio de abolir a sociedade nos foi ensinado por Jesus de Nazaré. Porém é extremamente difícil promover a emancipação da sociedade através da extinção do trabalho assalariado porque nossos valores, instituições e dinâmicas sociais estão profundamente viciados no niilismo. Este é uma espécie de vício que não aparece como tal, mas como civilização. Contra esse vício oculto nos ideais ascéticos temos remédios, entre os quais, a ociosidade. Ainda sobre os seres raros, Nietzsche diz:

Não é o tédio que eles tanto receiam, mas o trabalho sem prazer; necessitam mesmo de muito tédio, para serem bem-sucedidos no *seu* trabalho. Para o pensador e para todos os espíritos inventivos, o tédio é aquela desagradável “calmaria” da alma, que precede a viagem venturosa e os ventos joviais; ele tem de suportá-la, tem de *aguardar* em si o seu efeito: – é justamente isso o

¹ Acerca dos homens ordinários que se autoentorpecem com o niilismo, ou que buscam no trabalho ou nas coisas anoitecidas e abismais uma forma, talvez não declarada, de entorpecimento de si mesmos, Nietzsche ainda diz o seguinte: “No mais íntimo: não saber, para onde sair? Vazio. – Tentativa de escapar com a embriaguez. – Embriaguez como música. – Embriaguez como cruza no jogo trágico da derrocada. – Embriaguez como entusiasmo cego por homens singulares (ou tempos) (como ódio etc.). Tentativa de trabalhar inconscientemente, como instrumento da ciência. – Abrir os olhos para os muitos pequenos gozos, por exemplo, também como conhecedor. Modéstia quanto a si mesmo. Generalizar o contentar-se consigo, torna-lo um *páthos*; a mística, o gozo voluptuoso do vazio eterno (...); qualquer trabalho constante, um pequeno e tolo fanatismo *qualquer*” (2008, p. 38-9).

que as naturezas menores não conseguem obter de si! Afastar o tédio a todo custo é vulgar: assim como é vulgar trabalhar sem prazer (NIETZSCHE, 2012, p. 82).

Se afastar o tédio através do trabalho significa afastar o prazer, então o trabalho é uma espécie de castração e de moralização que ajudam a formar e a manter o rebanho tão necessário ao sacerdote e ao progresso.

Nietzsche identifica uma degeneração de instinto nos trabalhadores que ocasiona o que ele chama de estupidez. “O trabalhador cansado e de respiração pesada, que tem o olhar bonachão e deixa as coisas andarem como quiserem: essa figura típica, que atualmente, na época do trabalho, encontramos em todas as classes da sociedade, reivindica para si a *arte*” (NIETZSCHE, 2006, p. 80). Nietzsche já vê o trabalhador como um *tipo*. E na *época do trabalho*, a arte se tornou uma espécie de distração para o trabalhador cansado, que pode desfrutar dela em seus momentos de férias. Neste caso, ao ser instrumentalizada como auxiliar da época do trabalho, a arte mantém adormecidos os instintos selvagens do trabalhador bonachão. Sendo assim, Nietzsche afirma que “a arte tem direito à *pura tolice* – como uma espécie de férias para o espírito, o engenho, o ânimo. Wagner compreendeu isso. A *pura tolice* restaura...” (2006, p. 80). Mas essa restauração oferecida pelas férias é antes a manutenção da fraqueza, visto que, sem contato com seus instintos selvagens, o trabalhador é um homem pequeno e adoecido que, cansado demais para buscar na arte algo além do pequeno prazer que entretém, torna-se cúmplice e servidor do niilismo. Além da transformação da arte em meio de propagação e de normalização da tolice, Nietzsche identificou outras formas de controle e de anulação da potencialidade subversiva e emancipatória dos trabalhadores. Com efeito, referindo-se ao trabalhador europeu, cujas mãos gestam o desaparecimento da humanidade, Nietzsche declara:

Foi-se totalmente a esperança de aí se formar como classe uma espécie modesta e satisfeita de homens (...). O que se fez? – Tudo para já destruir em germe o pressuposto para isso – liquidou-se completamente, com a mais irresponsável leviandade, os instintos mediante os quais o trabalhador se torna possível como classe, possível *para si mesmo*. Tornaram-no apto para o serviço militar, deram-lhe o direito de associação, o direito ao voto político: como admirar que hoje ele já sinta sua existência como uma calamidade (expresso moralmente, como *injustiça* –)? (2006, p. 91).

Eis como impedir a transformação dos trabalhadores em classe. Não apenas concedendo-lhes férias nas quais eles podem se restaurar através do acesso à pura tolice, mas também, a sua classe se apresenta impossível para ele mesmo, quando o trabalhador é militarizado, quando suas associações servem antes para atrofiar os seus instintos, e quando se lhe

reconhece o direito ao voto político. Com alguma liberdade interpretativa, podemos ver que a formação da classe trabalhadora é interdita pela militarização, sindicalização e política concentrada em eleições. É oportuno dizer que, sem essa formação de classe, o trabalho pode se tornar facilmente um meio de devastação irrefreável, e o trabalhador, cujas mãos servem ao progresso, mantém a ominosa noite extraterrena que, alimentando uma doentia espiritualidade de coveiro, nos obriga a acender lanternas de manhã.

Considerações finais

Ao longo das nossas leituras da obra de Nietzsche enfim percebemos que, ao nos conscientizarmos mais acerca do seu diagnóstico do niilismo, entendemos melhor as razões pelas quais ele justifica a necessidade de uma crítica da modernidade. Antes de significar um avanço real da humanidade, o progresso moderno, bloqueando a realização da humanidade, produziu homens anoitecidos, vazios, cansados, degenerados, identificados ora como cientistas, ora como militares, ora como trabalhadores, todos eles corretos, disciplinados, obedientes, úteis e eficientes. Eles são obstinados servidores do ascetismo que, separando os dignos e os indignos dos benefícios civilizatórios, implacavelmente acusa, julga e condena, sempre individualizando a culpa ou fazendo do indivíduo o único responsável pelo seu próprio adoecimento. Mas os efeitos desse serviço ascético, que já estão em curso, atrofiam as condições da saúde e da força humanas e envenenam as condições terrestres favoráveis a uma vida plena, poderosa e beatífica. Enfim, fica o alerta. A catástrofe, que já está acontecendo, instaura uma crise aguda da individualidade, que se tornou então a marca do último homem, aquele cujo desenraizamento o transforma no maior obstáculo para o surgimento do super-homem, que não pode nascer no planeta.

Referências

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos, ou, Como se filosofa com o martelo*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. *A vontade de poder*. Tradução e notas Marcos Sinésio Pereira Fernandes, Francisco José Dias de Moraes; apresentação Gilvan Fogel. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*: um livro para todos e para ninguém. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Tradução, nota e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. *A genealogia da moral*. Tradução Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*: prelúdio de uma filosofia do futuro. Tradução Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. *O anticristo*: ensaio de crítica do cristianismo. Tradução Antônio Carlos Braga. São Paulo: Lafonte, 2019.